

# REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 9 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2020

## CULTO ON-LINE: EXEGESE DA PALAVRA, EXEGESE DO MUNDO

ONLINE WORSHIP SERVICE: EXEGESIS OF THE WORD, EXEGESIS OF THE WORLD

*Dr<sup>ando</sup> Diogo da Cunha Carvalho<sup>1</sup>*

### RESUMO

O presente artigo visa investigar até que ponto o chamado “culto on-line” pode ser considerado um ajuntamento eclesial real. A relevância do tema se verifica pelo crescimento da presença da igreja na internet em resposta ao isolamento social ocasionado pela pandemia da Covid-19. Antes possível para poucas igrejas, a transmissão de cultos pelas redes sociais tornou-se, em questão de semanas, uma ação generalizada, mas não sem gerar dúvidas e

---

<sup>1</sup>O autor é Gerente de Evangelismo da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira e Professor de Missão e Teologia e Missão e Comunicação do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil / Faculdade Batista do Rio de Janeiro. É Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Campos e em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Também Pós-Graduado em Direito Imobiliário e em Docência do Ensino Superior pela EMERJ-Universidade Estácio de Sá e Pós-Graduado em Direito Público pela Universidade Estácio de Sá. É Mestre em Estudos Teológicos com ênfase em Missiologia pelo Southeastern Baptist Theological Seminary (EUA) e doutorando em Teologia na PUC-Rio. E-mail: diogo@missoesnacionais.org.br O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

desconfortos. Reconhecendo ser cedo demais para conclusões definitivas, o artigo aborda a questão da validade desses “cultos on-line” a partir de uma *exegese da Palavra* e de uma *exegese do mundo*, caminhos necessários para uma boa hermenêutica, consoante sugerido por Grant Osborne em seu clássico *A espiral hermenêutica*. A primeira parte se ocupará de responder a pergunta: “Por que a igreja deve reunir-se?” Em seguida, abordará a exegese da cultura, apontando traços do universo tecnológico em desenvolvimento, com atenção especial à relação entre o virtual e o real sob um viés antropológico. Por fim, buscará fixar limites para uma compreensão bíblica e culturalmente acurada do fenômeno.

**Palavras-chave:** Culto on-line. Culto cristão. Ecclesiologia. Exegese do mundo.

## ABSTRACT

This article aims to investigate the extent to which the so-called “online worship service” can be considered to be a real church gathering. The relevance of the matter comes from the ongoing growth of church’s presence on the Internet due to the Covid-19 pandemic. This presence has increased mightily in the past weeks and has raised certain doubts and discomforts. Recognizing it is too early for definitive conclusions, this article addresses the question of whether or not “online services” are valid as real church worship services. It will do so based on an exegesis of the Word and an exegesis of the world, like suggested by Grant Osborne in his classic book *The Hermeneutic Spiral*. The first part of the article will approach the question: “Why should the church gather?” Then, it will develop an exegesis of the culture by the means of presenting features of the technological development, especially regarding the relation between the “virtual” and the “real” under an anthropological perspective. Finally, it will propose some limits for a biblical and culturally accurate understanding of the phenomenon.

**Keywords:** Online worship service. Christian worship service. Ecclesiology. Exegesis of the world.

## INTRODUÇÃO

Em tempos de distanciamento social, igrejas no Brasil e no mundo – pelo menos as que tiveram o bom senso de atender às autoridades – viram-

se forçadas a interromper os cultos públicos. Líderes eclesiais até então distantes do mundo digital correram para viabilizar transmissões on-line a fim de manterem-se de algum modo próximos ao rebanho nesse período de isolamento e aflição. A presença da igreja local na internet, que era possível para poucas igrejas – aquelas dotadas de melhores recursos tecnológicos – tornou-se, em questão de semanas, uma realidade generalizada. O que vinha se configurando como um lento e gradual processo sofreu uma abrupta aceleração entre os meses de março, abril e maio de 2020, mas não sem gerar dúvidas e desconfortos.

A profusão dos chamados “cultos on-line” trouxe uma preocupação quanto à aceitação das transmissões de programas religiosos como verdadeiros atos de adoração coletiva. Embora se reconheça o benefício da conectividade digital como medida extraordinária durante o distanciamento, alguns eclesiólogos levantaram questionamentos quanto à validade de um culto não presencial. Para ilustrar, Vinícius Musselman tuitou que “se por culto queremos dizer a assembleia dos santos de uma igreja local para adorar a Deus, edificar os crentes e evangelizar o mundo, observando os elementos da Escritura (ler, cantar, orar, ouvir e ver a Palavra), então ‘culto on-line’ é incoerência de termos”.<sup>2</sup>

A questão é difícil e não há precedentes. Antes da Covid-19 já se identificavam incertezas e distorções eclesiológicas em meio a “inconstantes correntes de pragmatismo”.<sup>3</sup> Agora, mais um fator foi adicionado à equação: as “novas” tecnologias de comunicação, as quais parecem ter chegado para ficar e suscitam questões cruciais de eclesiologia.

Reconhecendo ser cedo demais para conclusões definitivas, este artigo aborda a questão da validade dos chamados “cultos on-line” a partir de uma *exegese da Palavra* e de uma *exegese do mundo*, caminhos sugeridos por Grant Osborne em seu clássico “*A espiral hermenêutica*”.

## 1. EXEGESE DA PALAVRA: POR QUE A IGREJA LOCAL DEVE REUNIR-SE?

Aparentemente óbvia, tal pergunta ganhou relevo nos últimos dias,

<sup>2</sup> MUSSELMAN, Vinícius Pimentel. 10:52 p.m. 14 mar. 2020. Twitter: @vini\_musselman. Disponível em: [https://twitter.com/vini\\_musselman/status/1239006581796278274](https://twitter.com/vini_musselman/status/1239006581796278274). Acesso em: 2 mai. 2020.

<sup>3</sup> DEVER, Mark. **Igreja: o evangelho visível**. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 21.

quando líderes eclesiais vieram a público para justificar a prática da “Ceia on-line” sob o argumento de que a igreja se une pelo vínculo do Espírito, independentemente de seu ajuntamento presencial.<sup>4</sup> Naturalmente, tais líderes não querem defender a prescindibilidade permanente da assembleia reunida. Ao admitirem a Ceia na modalidade on-line, o fazem apenas como medida provisória enquanto durarem as restrições impostas pela pandemia.

No entanto, o argumento de que a igreja se une pelo vínculo do Espírito, caso considerado isoladamente, parece tencionar contra a ideia da igreja como ajuntamento. Inadvertidamente, esses líderes acabam situando a questão numa dimensão de *prazo*, e não de *natureza*. Com efeito, por quanto tempo uma igreja poderia ficar sem reunir-se e não perder a condição de igreja? Levada às últimas consequências, essa compreensão poderia fundamentar uma eventual igreja não congregada, indefinidamente. Vale, então, perguntar mais uma vez: por que a igreja local deve reunir-se?

## 1.1 IGREJA: EVANGELHO VISÍVEL

Há, nas Escrituras, um mandamento explícito para reunir-se (Hb 10.25), o que já seria suficiente para atender à pergunta acima. Entretanto, pode-se ir além, para dizer: uma igreja local deve reunir-se porque *ajuntamento* é mais do que o que ela faz; ajuntamento é, em grande parte, o que ela mesma é.

Conforme define Mark Dever, no livro intitulado sugestivamente de “*Igreja: evangelho visível*”, uma igreja não é apenas um grupo de pessoas que creem no mesmo evangelho; “Somos também um grupo de pessoas que se reúnem regularmente para adorar a Deus, conforme as palavras de Jesus, ‘em espírito e em verdade’ (João 4.24)”.<sup>5</sup>

Não é que o culto ao Senhor deva se restringir ao prédio da igreja, ou centralizar-se ali. Sabe-se que, nas palavras de Franklin Ferreira e Alan Myatt

<sup>4</sup> Em transmissão ao vivo no YouTube veiculada em 28/04/2020 e intitulada “Ceia Online”, os pastores Carlos Elias e Lucas Rangel, da Primeira Igreja Batista de Campo Grande, Rio de Janeiro-RJ, apresentaram seus argumentos em favor da celebração da Ceia do Senhor “a distância”, como preferiram denominá-la. Entre várias colocações, o pastor Carlos Elias afirmou que “a comunhão que celebramos é vinculada, estritamente vinculada pelo Espírito e através do Espírito. É o selo do espírito Santo de Deus que nos une”; ao passo que “algumas pessoas acreditam e acham que nós só nos unimos e estamos unidos ou aliançados quando estamos no templo”. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=yUG\\_cWa-fTA](https://www.youtube.com/watch?v=yUG_cWa-fTA). (17:42). Acesso em 4 mai. 2020.

<sup>5</sup> DEVER, 2015, p. 28.

“a fé cristã tornou-se algo a ser praticado no dia a dia (cf. Rm 14.5-6)”.<sup>6</sup> Ocorre que, embora a igreja signifique mais do que o seu ajuntamento, jamais poderá significar menos do que ele.

Importa, para tal conclusão, observar tanto o Novo quanto o Antigo Testamento. Ainda que se discuta a relação entre igreja e Israel – discussão essa que fugiria ao escopo deste artigo – fato é que a palavra do Antigo Testamento que expressa a ideia de “assembleia” (*qahal*) e a palavra traduzida por “igreja” no Novo Testamento (*ekklesia*) estão etimologicamente relacionadas<sup>7</sup>; tanto é que os autores neotestamentários lançaram mão da mesma palavra (*ekklesia*) utilizada na tradução de *qahal* na Septuaginta (cf. Deuteronômio 4.10 e Atos 7.38).

Em geral, o vocábulo *qahal* é utilizado no Antigo Testamento para designar uma assembleia que visa a propósitos religiosos.<sup>8</sup> Em Deuteronômio 4.10, o *qahal Yahweh* é a assembleia do povo de Deus salvo do cativo egípcio ao pé do monte Sinai (cf. Dt 9.10, 18.16). A palavra também é usada para identificar outros momentos cruciais da história de Israel, a exemplo da assembleia para recitação solene das bênçãos e maldições da Lei, de acordo com o que Moisés instituiu (Js 8.35; cf. Dt 27.11-26), e da dedicação do templo de Salomão (1Rs 8.1-2).<sup>9</sup>

O que se verifica em todas essas ocasiões, como destaca J. J. Von Allmen, é uma assembleia na qual o povo de Deus se reencontra, toma consciência de si mesmo e se mostra como povo.<sup>10</sup> Dela se observam os seguintes elementos: “a iniciativa e a presença de Deus, a proclamação da sua Palavra, o ato de selar o encontro entre Deus e o povo por meio de sacrifícios”.<sup>11</sup> Para Von Allmen, nenhuma dessas características da *qahal* devem ser ignoradas no estudo da *ekklesia* no Novo Testamento:

Mesmo nos casos em que parece usado de modo um tanto corriqueiro, esse vocábulo [*ekklesia*] contém sempre uma conotação litúrgica evidente: a Igreja é o povo reunido

<sup>6</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 951.

<sup>7</sup> DEVER, 2015, p. 46.

<sup>8</sup> HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1326.

<sup>9</sup> Outros eventos de reunião da *qahal* podem ser encontrados em 2Cr 20.5, 30.25; 2Rs 23; Ne 5.3; Jl 2.16, etc.

<sup>10</sup> VON ALLMEN, J. J. **O culto cristão: teologia e prática**. São Paulo: ASTE, 1968, p. 48.

<sup>11</sup> VON ALLMEN, 1968, p. 48.

por iniciativa de Deus, mesmo além da morte (embora seja está ainda uma ameaça iminente), para encontrar-se com o seu Senhor, para adquirir identidade própria, para confessar-se povo peculiar.<sup>12</sup>

Conclui, assim, que o culto não é um elemento acidental ou optativo na vida da igreja, mas o meio pelo qual torna-se ela mesma, toma consciência de si e manifesta a sua natureza essencial.<sup>13</sup> Caso alguém deseje conhecer a igreja ou adquirir uma consciência eclesial, é indispensável ir à igreja e viver o seu culto.<sup>14</sup> É no culto que a igreja faz distinção entre si e o mundo<sup>15</sup>; e é onde se pode dar a resposta mais concreta à pergunta: Onde está a igreja?<sup>16</sup>

James Bannerman parece confirmar esse raciocínio:

Desde o início mais remoto tem havido uma sociedade visível de homens reunidos sob o princípio de “invocar o nome do Senhor” em união social, e separados dos demais homens devido à profissão que os caracteriza como Seu povo. Em outras palavras, tem havido uma igreja na terra debaixo de cada dispensação desde a primeira; cujos membros foram distinguidos do resto do mundo pela fé que eles compartilhavam, e por sua reunião em atos públicos de adoração como expressão de sua fé.<sup>17</sup>

Nem mesmo a noção de igreja *invisível ou universal*, isto é, o conjunto total dos eleitos, deve insinuar que a igreja esteja de alguma forma oculta ou escondida. Comentando o artigo 26.1 da Confissão Batista de Fé de Londres<sup>18</sup> de 1689, Samuel E. Waldron faz uma pergunta para, em seguida, endereçá-la com propriedade:

A Bíblia ensina que essa igreja universal é invisível? Se usarmos esse termo, devemos, como faz a Confissão, usá-lo com muita cautela, porque não há igreja invisível distinta da igreja visível. [...] A igreja universal é sempre visível,

<sup>12</sup> VON ALLMEN, 1968, p. 48.

<sup>13</sup> VON ALLMEN, 1968, p. 48-49.

<sup>14</sup> VON ALLMEN, 1968, p. 48.

<sup>15</sup> VON ALLMEN, 1968, p. 50.

<sup>16</sup> A. D. Muller, citado por VON ALLMEN, 1968, p. 57.

<sup>17</sup> BANNERMAN, James. **The church of Christ: a Treatise on the Nature, Powers, Ordinances, Discipline, and Government of the Christian Church.** Reprint. East Peoria, IL: The Banner of the Truth Trust, 2016, p. 342.

<sup>18</sup> O qual dispõe: “A igreja católica ou universal, a qual (no tocante à obra interna do Espírito de verdade e graça), pode ser chamada de invisível, consiste no número total dos eleitos, os quais foram, são ou serão reunidos em um, sob Cristo, seu cabeça; e é sua esposa, o corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos”. In: WALDRON, Samuel E. **A modern exposition of the 1689 Baptist Confession of Faith.** Durham, DL: Evangelical Press, 2009, p. 306.

ainda que não seja perfeitamente ou completamente visível. A igreja universal referida em Efésios é visível (Ef 1.22, 3.10,21, 4.4, 11-13; cf. 1Co 12.28). A igreja universal podia ser perseguida e, portanto, tinha de ser visível (At 8.1,3, 9.1-2,31; cf. Gl 1.13, Fp 3.6). Ninguém pode professar com credibilidade ser um membro da igreja invisível enquanto desprezar a membresia e a comunhão na igreja visível.<sup>19</sup>

Portanto, mais do que uma obrigação ou um mandamento, a igreja deve reunir-se em adoração pública sobretudo porque, ao fazê-lo, revela sua natureza, fazendo-se visível perante ela mesma e o mundo. Como disse Mark Dever, “a proclamação cristã pode tornar o evangelho audível, no entanto, cristãos vivendo juntos na congregação local podem tornar o evangelho visível”.<sup>20</sup>

## 1.2 QUESTÕES CRUCIAIS DE EXEGESE DA PALAVRA EM TEMPOS DE “CULTO ON-LINE”

Uma vez assentado que a igreja deve reunir-se, pode-se investigar a validade ou não dessa reunião na modalidade on-line. Tendo em vista que o Novo Testamento não prescreve com clareza o tempo e o lugar de os cristãos se reunirem<sup>21</sup>, pergunta-se:

- Seria admissível uma assembleia eclesial reunida exclusivamente no ambiente on-line?
- Seria possível à igreja tornar-se ela mesma, tomar consciência de si e manifestar a sua natureza essencial no culto on-line?
- Seria possível à igreja conservar sua natureza e tornar o evangelho visível ao mundo enquanto reunida pela internet?
- Até que ponto a premissa teológica da congregação reunida poderia ser contextualizada ao universo cibernético sem sofrer distorções e desvirtuamentos?

Longe de esgotar essas questões, passa-se agora ao exame dos aspectos antropológicos e culturais do culto on-line.

## 2. EXEGESE DO MUNDO: APONTAMENTOS INICIAIS

Além de uma exegese da Palavra, o fenômeno dos cultos on-line requer uma

<sup>19</sup> WALDRON, 2009, p. 313.

<sup>20</sup> DEVER, 2015, p. 21.

<sup>21</sup> DEVER, 2015, p. 119.

detida exegese do mundo. Grant Osborne afirmou que “antes de podermos adequadamente aplicar qualquer declaração bíblica à nossa cultura ou outra, devemos procurar um entendimento mais profundo do ambiente cultural específico”.<sup>22</sup> Isso é o que será buscado nas linhas a seguir tendo em vista uma correta contextualização/aplicação do princípio da igreja reunida.

Vale ressaltar, “a contextualização é a segunda metade de uma jornada hermenêutica unitária do significado para a significação, na concretização da Palavra de Deus na experiência humana e cultural”.<sup>23</sup> Na verdade, uma contextualização/aplicação bem-sucedida requer dos pastores atuar “como sociólogos, constantemente fazendo o estudo do tipo de situação da vida que os capacitará a atender as necessidades de sua congregação”.<sup>24</sup> Sob essa perspectiva, o culto on-line será analisado culturalmente, mas não sem antes recordar duas situações relativamente recentes que podem iluminar o problema.

## 2.1 PROBLEMAS DE EXEGESE DO MUNDO: DOIS EXEMPLOS DO PASSADO

Não é de hoje que a teologia se vê desafiada por questões antropológicas. Como alertam Gordon D. Fee e Douglas Stuart, “muitos dos problemas urgentes na igreja hoje são basicamente esforços para transpor o abismo hermenêutico, que tem a ver com a mudança do ‘lá e antigamente’ do texto original para o ‘aqui e atualmente’ das situações da nossa própria vida”.<sup>25</sup>

Mencione-se apenas dois exemplos relativamente recentes de acertos na interpretação bíblica acompanhados de problemas de interpretação da cultura. O primeiro foi a introdução dos instrumentos musicais elétricos no culto nas décadas de 80 e 90. Ainda na adolescência, este articulista leu um livro sobre o *rock*, o qual lhe fora presenteado por um irmão idoso e piedoso que pretendia convencê-lo a parar de ouvir aquela “música do mundo” – ainda que só escutasse as bandas cristãs do gênero.

As alegações eram bíblicas: preservação da santidade e da ordem e decência no culto e condenação do espírito de carnalidade e rebeldia que,

<sup>22</sup> OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 585.

<sup>23</sup> OSBORNE, 2009, p. 554.

<sup>24</sup> OSBORNE, 2009, p. 585.

<sup>25</sup> FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 21.

segundo se pensava, eram indissociáveis daquele estilo musical “mundano”. Este articulista concordava com praticamente todos os argumentos bíblicos ventilados; apenas não se via como um rebelde, nem as músicas que escutava, como anticristãs.

O passar dos anos revelou que, embora aquele irmão estivesse certo quanto aos princípios bíblicos que defendia, seu julgamento estava condicionado à percepção que sua geração teve da revolução cultural da década de 70, quando sexo, drogas e *rock'n'roll* pareciam temas indissociáveis.

Outro exemplo foi o advento dos projetores de multimídia no limiar dos anos 2000, quando muitas igrejas – as que podiam adquirir o caro e cobiçado *Datashow* – começaram a utilizar *PowerPoint* com textos e imagens, inclusive durante as pregações. Insurgindo-se contra esse “misto de paganismo com palestra empresarial”, a Ordem dos Pastores Batistas Clássicos, fundada em maio de 2012, protestou que “a tecnologia, que deveria ser apetrecho para auxiliar os palestrantes, tornou-se moda e muleta, pois os pregadores modernos não sobem ao púlpito sem um notebook e uma tela para *Datashow*”.

Zelosos da ortodoxia, esses pastores fundamentaram seu argumento pela crença de que a Bíblia é a “única Palavra de Deus, inerrante, verdadeira, fiel, isenta de manchas ou erros”.<sup>26</sup> O que não contavam é que, anos mais tarde, pouquíssimas pessoas fariam qualquer correlação imediata entre o uso do recurso multimídia e esse suposto desprezo à Palavra. Estavam presos à leitura que faziam das inovações tecnológicas de seus dias, e não perceberam que o mundo mudava à sua volta, embora a verdade bíblica permanecesse a mesma.

Nesses dois casos, o problema não foi propriamente teológico, mas antropológico. Argumentos bíblicos descompassados dos avanços culturais podem ser muito convincentes para indivíduos de determinada geração e, ao mesmo tempo, soarem totalmente descabidos por pessoas nascidas em contexto cultural diverso sem que isso implique necessariamente que um dos dois grupos valorize mais a Palavra de Deus do que o outro. Não se trata de relativizar princípios bíblicos, imutáveis e eternos, mas de *contextualizá-los* e *aplicá-los* com acerto em cada momento histórico.

---

<sup>26</sup> ORDEM DOS PASTORES BATISTAS CLÁSSICOS. **Manifesto dos pastores batistas clássicos.** 29 mai. 2012. Disponível em: <http://procurandoverdadebiblica.blogspot.com/2012/05/manifesto-dos-pastores-batistas.html>. Acesso em 2 mai. 2020.

## 2.2 QUESTÕES CRUCIAIS DE EXEGESE DO MUNDO EM TEMPOS DE CULTO ON-LINE

Ao trazer esses dois exemplos, não se está afirmando que o culto on-line seguirá o mesmo caminho. Pode ser que haja um deslumbramento inicial com a tecnologia, e depois um passo atrás. Contudo, é importante reconhecer que, caso o fenômeno perdure, querendo ou não, haverá questões antropológicas com as quais se terá de lidar:

- Até que ponto o conceito de igreja reunida que não admita nada além da presença física está condicionado ao juízo pessoal sobre os avanços tecnológicos que, até pouco tempo, não existiam e, agora, incorporam-se ao cotidiano causando estranhamentos que talvez não sejam sentidos pelas próximas gerações?
- Em outras palavras, até que ponto a resistência ao culto on-line, escorada em bons argumentos bíblicos, não está adstrita à percepção do universo digital por parte de uma faixa etária mais adulta ou idosa, percepção essa que difere substancialmente do olhar dos mais jovens?
- Será que as futuras gerações encontrarão algum sentido nas justificas bíblicas atuais para invalidar as reuniões, sendo que, para elas, tais reuniões provavelmente passarão a ser muito mais comuns e naturais do que o são hoje?
- Do mesmo modo como se olha para os zelosos irmãos do passado que resistiram à multimídia e aos instrumentos elétricos, é possível que as novas gerações venham a olhar para alguns pastores que hoje refutam o culto on-line como cristãos zelosos da doutrina, mas que “ficaram para trás” no tempo e na cultura?

Essas não são questões simples, mas certamente merecem uma profunda reflexão, ainda mais quando a própria exegese da cultura é constantemente desafiada pela escalada vertiginosa da tecnologia.

## 3. TRAÇOS DE UMA CULTURA EM MUTAÇÃO QUE DIFICULTAM A EXEGESE DO CULTO ON-LINE

A geração atual é testemunha de transformações abruptas num curto período de tempo como nunca antes na história. As inovações tecnológicas invadem nossa vida sem pedir licença e numa velocidade tal que é difícil – quiçá impossível – acompanhar. Quando se pensa estar a par das novidades e adaptados aos avanços do dia anterior, a manhã seguinte surpreende

com novas formas de conectividade digital que fariam inveja aos melhores roteiristas dos filmes de ficção científica dos anos 80. Observe-se como a internet evoluiu e, com ela, a própria percepção acerca do que ela representa no cenário social.

### 3.1 O VIRTUAL É NECESSARIAMENTE IRREAL?

O surgimento da internet e, com ela, das primeiras redes sociais, deu à luz o mundo *virtual*, concebido inicialmente como uma simulação da realidade, habitat de rostos falsos, *avatars* e *nicknames*. Nesse mundo ilusório, o indivíduo estaria livre para ser quem quisesse ser, sem maiores riscos ou compromissos. A primeira impressão das redes sociais por parte da geração que testemunhou o seu nascimento foi a de que constituíam uma sedutora e perigosa fuga da realidade. Assim, o “virtual” foi interpretado como antônimo de “real”.

No entanto, estudiosos da internet<sup>27</sup>, como Manuel Castells, já sinalizavam no início dos anos 2000 que essa análise fora prejudicada por três limitações:

Em primeiro lugar, precedeu de muito à difusão generalizada da Internet, baseando suas informações na observação de um número reduzido de experiências entre usuários pioneiros na Internet – com isso maximizou a distância social entre os usuários da Internet e o conjunto da sociedade. Em segundo lugar, desdobrou-se na ausência de um corpo substancial de pesquisa empírica confiável sobre os usos reais da Internet. E em terceiro, foi construído em torno de questões bastante simplistas e, em última análise, enganosas, como a oposição ideológica entre a comunidade local harmoniosa de um passado idealizado e a existência alienada do “cidadão da Internet” solitário, associado com demasiada frequência, na imaginação popular, ao estereótipo do *nerd*.<sup>28</sup>

Castells notou, ainda em seus dias, que “essas limitações estão desaparecendo, e deveríamos ser capazes de avaliar os padrões de sociedade

<sup>27</sup> Pierre Lévy também anotou que “o virtual, rigorosamente definido, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se, ao contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata”. In: LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2011, p. 12.

<sup>28</sup> CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 98.

que advêm do uso da Internet, pelo menos em sociedades desenvolvidas, onde já há difusão maciça da Internet”.<sup>29</sup> Nesses contextos, alegou, a internet é “uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades”<sup>30</sup>; e conclui:

Contrariando alegações de que a Internet seria ou uma fonte de comunitarismo renovado ou uma nova causa de alienação do mundo real, a interação social na Internet não parece ter um efeito direto sobre a configuração da vida cotidiana em geral, exceto por adicionar interação on-line às relações sociais existentes.<sup>31</sup>

O que o autor não poderia prever é que a pandemia de 2020 aceleraria essa difusão digital, inclusive nas faixas etárias que provavelmente não viriam a ter afinidade com a internet em circunstâncias normais. Há poucos dias, este articulista participou de uma videoconferência com pessoas entre cinquenta e sessenta anos de idade (talvez mais), de uma igreja numa cidade de 18 mil habitantes no interior da Bahia, muitas das quais pareciam experimentar a interação on-line pela primeira vez na vida. Não eram adolescentes evitando os relacionamentos reais em busca de novas amizades sob uma identidade fabricada em um universo de fantasia. Eram pessoas que se conheciam previamente e que, mediante esforço, estavam superando o isolamento social por meio da tecnologia, e felizes da vida por isso. Aquele encontro não tinha nada de *irreal*; apenas não era presencial.

O avanço das comunicações trouxe uma paulatina sobreposição do *virtual*, anteriormente tido como sinônimo de irreal, sobre o real. Os dois mundos colidiram e se tornaram praticamente um só.<sup>32</sup> Aos poucos – e com mais força nos últimos dias – as videoconferências e, com elas, a interação on-line, ao vivo, com imagem e som, envolvendo duas ou mais pessoas ao mesmo tempo, passaram a ocupar um espaço relevante no cotidiano de muitas pessoas.

Muitos têm até concluído que qualquer prejuízo desse tipo de interação seria compensado pela economia de tempo e dinheiro com deslocamentos e

<sup>29</sup> CASTELLS, 2003, p. 98-99.

<sup>30</sup> CASTELLS, 2003, p. 100.

<sup>31</sup> CASTELLS, 2003, p. 100-101.

<sup>32</sup> Rein Raud já havia profetizado, em interessante obra que registra seu diálogo com Zygmunt Bauman: “As fronteiras entre as vidas on-line e off-line estão ficando cada vez mais nebulosas a cada invenção, de modo que provavelmente acabaremos com apenas um mundo que não será nem uma coisa nem outra”. In: BAUMAN, Zygmunt; RAUD, Rein. **A individualidade numa época de incertezas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018, p. 64.

instalações físicas, custosos, porém necessários para o encontro “em pessoa”. Surpreendentemente, os encontros on-line passaram a ser vistos – inclusive por indivíduos mais velhos que venceram a desconfiança – como algo bom, uma bênção em tempos de distanciamento social.

Esse parece ser um caminho sem volta. Ao que tudo indica, o medo de que a internet promoveria uma espécie de “desrealização geral”<sup>33</sup> ficará somente na análise precipitada de alguns teóricos dos anos 80 e 90 e na memória da geração que assistiu a internet nascer e, ainda assim, como um pensamento preso a um passado remoto pré-pandemia de 2020.

### 3.2 O QUE ESPERAR DO FUTURO?

O filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman, conhecido pela expressão de sua autoria “modernidade líquida”, descreveu com muita propriedade a transição entre o que chamou de capitalismo “pesado” e “leve”. No primeiro, os valores preponderantes eram os do volume e da estabilidade, e o critério para medir o sucesso de uma corporação era o tamanho de suas instalações físicas. No capitalismo leve, por outro lado, instantâneo e veloz, quanto menos sólida e mais fluída for a organização, melhor.<sup>34</sup> Flexibilidade, agilidade e adaptabilidade tornam-se princípios indispensáveis para a sobrevivência em um cenário de constante mutação. Desvaloriza-se o espaço<sup>35</sup> e busca-se reduzir o tamanho (“*downsizing*”). Na versão líquida da modernidade, “mandam os mais escapadiços, os que são livres para se mover de modo imperceptível”.<sup>36</sup>

Essa transição lenta e gradual, observável apenas pelas lentes aguçadas de estudiosos como Bauman, teve uma escalada tão abrupta nesse período de pandemia – quando empresas e trabalhadores foram obrigados a se adaptar rapidamente ao fechamento total ou parcial de suas sedes comerciais – que ficou visível a olho nu. Provavelmente, empresas prósperas e sem endereço fixo serão uma realidade cada vez mais presente no mundo contemporâneo, e a Covid-19 antecipará décadas do que seria um processo muito mais lento e difuso.

E quanto ao contexto eclesial? O que dizer de possíveis igrejas sem sede,

<sup>33</sup> LÉVY, 2011, p. 11.

<sup>34</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 194.

<sup>35</sup> BAUMAN, 2001, p. 149.

<sup>36</sup> BAUMAN, 2001, p. 153.

ou melhor, com sedes exclusivamente eletrônicas e membresia espalhada por todo o planeta? “Mas essa igreja não se reúne, não se ajunta, não é uma *igreja local*” – objetarão. “Quem disse que não nos reunimos? Estamos juntos on-line semanalmente, nos pequenos grupos por videoconferência e nos encontros dominicais transmitidos pelo YouTube” – irão retrucar, para acrescentar: “Quem disse que não somos uma igreja local? Somos locais, sim, e nossa localidade é uma página de internet. Temos, inclusive, um rol de membros. Gostaria de nos fazer uma visita no próximo fim de semana? Aqui está o *link*”.

Para quem enxerga essa realidade como distante e improvável, basta notar que as plataformas de transmissão on-line já contam com espaços interativos (para *chat* e comentários), de modo que se tornará cada vez mais inadequado – ou, no mínimo, impreciso – dizer que o culto on-line é uma mera apresentação para expectadores (performance), uma comunicação “de mão única”. Pelos recursos de hoje, já é possível dizer “seja bem-vindo” a um visitante de um lado da tela e receber, em tempo real, um “obrigado” do outro.

Em meio à pandemia, um padre brasileiro colocou cartazes com nomes de pessoas reais nos bancos durante a celebração da missa com o templo vazio – antes, um colega europeu colocara fotos em vez de nomes.<sup>37</sup> Agora, imagine-se que, no lugar dos nomes ou das fotos, houvesse uma tela com a imagem ao vivo dos membros da igreja, conectados à sonorização do templo, com todos cantando juntos e participando ativamente da celebração no máximo que a tecnologia pudesse proporcionar. Impossível? Parece que não. E quanto às reuniões holográficas? Bem, já se fala nelas há pelo menos dez anos.<sup>38</sup> Deus sabe onde tudo isso vai parar.

#### 4. CULTO ON-LINE: EXTREMOS A EVITAR

Ainda que não se tenha muita nitidez quanto às fronteiras do universo virtual, alguns extremos devem ser evitados na tarefa exegética do culto on-line. O primeiro diz respeito à perda de vista do pressuposto eclesiológico da congregação reunida por conta de um deslumbramento com as novas tecnologias da comunicação. De forma alguma deveríamos ser facilmente

<sup>37</sup> Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/03/20/com-igreja-vazia-padre-coloca-nomes-de-fieis-em-bancos-durante-missa-acolhidos.ghtml>

<sup>38</sup> Disponível em <http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,EMI192552-16368,00-A+UM+PASSO+DAS+REUNIOES+HOLOGRAFICAS.html>

convencidos por qualquer argumento que atente contra as premissas bíblicas da adoração coletiva a ponto de apagar o papel da igreja como evangelho visível.

Com os pés do chão, devemos manter firmes a posição de que, na melhor hipótese, o culto on-line só será culto se a igreja estiver, de fato, reunida; e por “reunida”, não basta que a transmissão seja *assistida* por internautas. O pressuposto da reunião não é estabelecido pelo número de visualizações ou curtidas, mas pela participação efetiva dos membros debaixo de um mesmo propósito no Espírito, para louvor, oração e proclamação da Palavra. Não é todo pretense “culto on-line” que deverá ser considerado culto – se assim se estiver disposto a considerar. A adoração coletiva não é o simples somatório da adoração individual. A mera transmissão de uma performance religiosa para uma audiência passiva, sem o menor senso de comunhão e participação, está muito longe de se equiparar ao culto público da igreja.

Nesse sentido, vale a lembrança de Albert Mohler de que nós, evangélicos – sobretudo, batistas – “não possuímos uma visão sacramental da adoração e não acreditamos em um modelo sacerdotal de ministério”. Em tempos de pandemia, não precisamos “temer a falta de ministério sacerdotal, nem de acesso à graça sacramental”.<sup>39</sup> Logo, não faria sentido chamar de culto a mera veiculação de atos litúrgicos – seja música, oração ou pregação da Palavra – a uma audiência passiva e desprovida de laços fraternos reais (geralmente prévios), incapaz de mostrar ao mundo que se está diante de verdadeiros discípulos de Jesus aliançados como igreja local (Jo 13.35).

Cabe aqui, inclusive, uma reflexão: uma igreja deveria encarar com naturalidade o ato de acolher em seu culto on-line internautas que morem tão distantes de sua sede que sua eventual membresia se torne impossível? Obviamente, uma igreja não pode evitar que essas pessoas acessem suas transmissões, mas deveriam ao menos esclarecer sobre o ideal de pertencerem a uma igreja local da qual possam participar presencialmente em tempos de normalidade.

O segundo extremo a evitar é a não aceitação (ou a aceitação demasiadamente atrasada) dos instrumentos de comunicação on-line oferecidos pela cultura.

<sup>39</sup> MOHLER, Albert. **God Be with Us till We Meet Again**. 21 mar. 2020. Disponível em: <https://albertmohler.com/2020/03/21/god-be-with-us-till-we-meet-again>. Acesso em: 2 mai. 2020.

Teólogos como Ronaldo Vasconcelos, para quem “o ambiente virtual tem aspectos que simulam a realidade corpórea, mas nunca poderá se igualar a ela”<sup>40</sup> talvez devessem acrescentar um grau de medida em vez de baterem o martelo tão sumariamente; talvez devessem falar em “até que ponto”, não em “nunca”.

A toda prova, a interação on-line possui limitações, comparada à presença física. Mas essas limitações não têm a ver com a *veracidade* da interação – ou seja, se é real ou simulada –, mas com sua intensidade física e emocional. Como salientou Guilherme de Carvalho,

Reuniões online podem ser reuniões reais. Assim como um ser humano pode estar vivo com um coração artificial, a experiência social humana foi alterada pela internet, e coisas antes impossíveis tornaram-se possíveis. Reuniões online não são ‘falsos’ encontros. [...] O que ocorre é que a internet altera a experiência de tempo e espaço, e cria outra forma de simultaneidade e de presença. Ela não deve ser desconectada a ligação corporal, mas tampouco deve ser negada como falsificação. Mas reconheço que não há respostas simples nesse assunto.<sup>41</sup>

Realmente, não há respostas simples, e o futuro parece trazer mais dúvidas do que certezas. Todavia, reitere-se, a questão parece não ser se o culto on-line será um dia capaz de substituir o culto presencial, mas *até que ponto* poderia fazê-lo sem descaracterizá-lo. Afirmações categóricas como a de Albert Mohler, de que “nenhuma mídia social eletrônica ou digital pode substituir o que acontece quando o povo de Deus se reúne fisicamente”<sup>42</sup>, podem estar corretas hoje, mas enfrentarão o teste do tempo. A censura intransigente aos cultos on-line como experiência cültica comunitária será cada vez mais desafiada pelas novas tecnologias.

Em texto recente no Facebook, Samuel Moutta afirmou com acerto: “Pode ser que, no futuro, a cultura mude a ponto de que a comunhão seja plena apenas pelos meios virtuais, mas isso não é realidade no nosso tempo, e a prova disso é a ansiedade de todos quanto ao retorno dos cultos públicos”.<sup>43</sup>

<sup>40</sup> VASCONCELOS, Ronaldo. **O culto substituto**: porque o culto público não pode ser virtual. 3 abr. 2020. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2020/04/o-culto-substituto-porque-o-culto-publico-nao-pode-ser-virtual/>. Acesso em 4 mai. 2020.

<sup>41</sup> CARVALHO, Guilherme. 7:22 p.m. 1 abr. 2020. Twitter: @guilhermeverc. Disponível em: <https://twitter.com/guilhermeverc/status/1245476637438816257>. Acesso em: 2 mai. 2020.

<sup>42</sup> MOHLER, 2020.

<sup>43</sup> MOUTTA, Samuel. **Ceia do Senhor online, pode?** Facebook: samuelmoutta.jmn. 3 abr. 2020.

Note-se que Moutta deixa em aberto a possibilidade de a tecnologia reduzir a diferença entre as experiências on-line e presencial a praticamente zero. Com isso, teve a humildade de colocar uma *data de validade* em sua exegese do mundo, data essa que, difícil de determinar, será mais ou menos longínqua a depender da velocidade do progresso tecnológico.

Por fim, uma das acepções da palavra “virtual” é “aquilo que existe apenas em potência e não em ato”.<sup>44</sup> Como explica Pierre Lévy:

O virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal (a árvore está *virtualmente* presente no grão). No sentido filosófico, o virtual é obviamente uma dimensão muito importante da realidade. Mas no uso corrente, a palavra virtual é muitas vezes empregada para significar a irrealidade - enquanto a “realidade” pressupõe uma efetivação material, uma presença tangível. [...] Em geral, acredita-se que uma coisa deva ser ou real ou virtual, que ela não pode, portanto, possuir as duas qualidades ao mesmo tempo. Contudo, a rigor, em filosofia o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual: a virtualidade e a atualidade são apenas dois modos diferentes de realidade. Se a produção da árvore está na essência do grão, então a virtualidade da árvore é bastante real (sem que seja ainda, atual).<sup>45</sup>

Por esse prisma, todo ajuntamento cútico da igreja local, ainda que presencial, é uma virtualização da grande assembleia final e eterna da igreja universal. Conforme ensinam Franklin Ferreira e Alan Myatt, no culto público a igreja visível se une à igreja invisível em adoração, em adoração; e “o culto público se torna uma antecipação escatológica do culto que a igreja prestará ao Deus Trino por toda a eternidade”.<sup>46</sup> O culto presencial é virtual em relação ao culto celestial.

Em menor escala, o culto on-line, em tempos de pandemia, poderia ser visto como uma antecipação do culto presencial, tão logo seja possível. O primeiro (virtual) seria tão real quanto o segundo (presencial), porém na *potência*, não no *ato*. Mas, para isso, é imprescindível que se encare o culto on-line como medida temporária e provisória – e não como algo bastante

---

Disponível em: <https://www.facebook.com/samuelmoutta.jmn/posts/2624857907618595>. Acesso em 3 mai. 2020.

<sup>44</sup> LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 49

<sup>45</sup> LÉVY, 2010, p. 49.

<sup>46</sup> FERREIRA, 2007, p. 971.

em si mesmo – enquanto se espera com grande expectativa a abertura dos templos e o reencontro da igreja em assembleia local.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em matéria de culto on-line, deve-se fazer uma exegese do mundo, tanto quanto da Palavra. Se é verdade que os pressupostos eclesiológicos atinentes à natureza visível da igreja reunida devam ser preservados, também é necessário atentar-se para o desenvolvimento tecnológico e seus impactos sociais, em especial na formação da mentalidade das pessoas nascidas no mundo digital.

Se, de um lado, a desconfiguração da natureza da igreja não é algo que se deva permitir, por outro a desconsideração dos aspectos antropológicos cobrará o preço de desconectar a geração atual das novas gerações, as quais não viveram as suspeitas já ultrapassadas contra a internet e, ao contrário, a enxergam como providência divina para a evangelização do mundo. Para os mais jovens, parece não haver dúvida de que as redes sociais são uma forma legítima de tornar a igreja visível na sociedade contemporânea.

Deus nos dê discernimento e equilíbrio para não sermos tão adiantados que antecipemos ou criemos tensões desnecessárias, nem atrasados demais a ponto de perder contato com a realidade e comprometer nossa influência e relevância para as próximas gerações.

## REFERÊNCIAS

BANNERMAN, James. **The church of Christ: a Treatise on the Nature, Powers, Ordinances, Discipline, and Government of the Christian Church.** Reprint. East Peoria, IL: The Banner of the Truth Trust, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt; RAUD, Rein. **A individualidade numa época de incertezas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CARVALHO, Guilherme. 7:22 p.m. 1 abr. 2020. Twitter: @quilhermeverc. Disponível em: <https://twitter.com/quilhermeverc/status/1245476637438816257>. Acesso em: 2 mai. 2020.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

- DEVER, Mark. **Igreja: o evangelho visível**. São José dos Campos: Fiel, 2015.
- FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lê?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2011.
- MOHLER, Albert. **God Be with Us till We Meet Again**. 21 mar. 2020. Disponível em: <https://albertmohler.com/2020/03/21/god-be-with-us-till-we-meet-again>. Acesso em: 2 mai. 2020.
- MOUTTA, Samuel. **Ceia do Senhor on line, pode?** Facebook: samuelmoutta.jmn. 3 abr. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/samuelmoutta.jmn/posts/2624857907618595>. Acesso em 3 mai. 2020.
- MUSSELMAN, Vinícius Pimentel. 10:52 p.m. 14 mar. 2020. Twitter: @vini\_musselman. Disponível em: [https://twitter.com/vini\\_musselman/status/1239006581796278274](https://twitter.com/vini_musselman/status/1239006581796278274). Acesso em: 2 mai. 2020.
- ORDEM DOS PASTORES BATISTAS CLÁSSICOS. **Manifesto dos pastores batistas clássicos**. 29 mai. 2012. Disponível em: <http://procurandoverdadebiblica.blogspot.com/2012/05/manifesto-dos-pastores-batistas.html>. Acesso em 2 mai. 2020.
- OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- VASCONCELOS, Ronaldo. **O culto substituto: porque o culto público não pode ser virtual**. 3 abr. 2020. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2020/04/o-culto-substituto-porque-o-culto-publico>

nao-pode-ser-virtual/. Acesso em 4 mai. 2020.

VON ALLMEN, J. J. **O culto cristão**: teologia e prática. São Paulo: ASTE, 1968.

WALDRON, Samuel E. **A modern exposition of the 1689 Baptist Confession of Faith**. Durham, DL: Evangelical Press, 2009.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional